

Derivar e Narrar: a Caminhada Como Procedimento de Redescoberta da Cidade¹

Patrícia da Veiga Borges²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

De que modo se pode narrar a vida partilhada na cidade do Rio de Janeiro? A resposta não é nova: caminhando. Este artigo apresenta um experimento desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no âmbito de um estágio docência em Laboratório de Jornalismo Comunitário, que envolveu estudantes do 3º período do curso de Comunicação Social. A proposta buscou retomar a caminhada (*flânerie*, deambulação, deriva), a descrição de paisagens e, sobretudo, o reconhecimento de sensações sobre o território.

Palavras-chave

Cidade; Comunicação; Deriva; Jornalismo Comunitário; Narrativa.

Introdução: Derivar e Narrar

A experiência que aqui se pretende apresentar foi realizada no âmbito das atividades do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC). Fez parte do estágio docência desenvolvido na disciplina prática Laboratório de Jornalismo Comunitário, oferecida a estudantes de graduação da Escola de Comunicação³, entre março e junho de 2015, sob a orientação da professora titular Raquel Paiva. O ponto de partida foi o pressuposto de que o jornalismo ocupa, na contemporaneidade, um lugar de mediação social e, assim, possui uma estrutura narrativa que deve ser experimentada (PAIVA, 2006).

O jornalismo possui um conjunto de normas e valores que se fazem universais e, portanto, atua como uma “grande narrativa” dos tempos atuais. Porém, seu código e gramática

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM/UFRJ), integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Comunicação Comunitária (LECC/UFRJ), mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e jornalista. e-mail: patriciadaveiga@gmail.com

³ No curso de graduação em Comunicação Social da UFRJ, há um ciclo básico anterior à escolha da habilitação em que os estudantes devem permanecer por um ano e seis meses. A partir do quarto período é que se elege o caminho a ser seguido: Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Rádio e TV, Editoração. Assim sendo, o público-alvo do Laboratório de Jornalismo Comunitário é formado, basicamente, por jovens com idade entre 18 e 20 anos e com certa inclinação para a escolha do Jornalismo como profissão. No primeiro semestre de 2015, seis alunos se matricularam na disciplina, todos ansiosos pelo exercício da reportagem.

próprios, formulados com base em uma lógica de mercado, têm se aproximado cada vez mais da fragmentação e da espetacularização, da representação de um mundo incompleto. Isso é um paradoxo que deve ser encarado não somente por meio de uma leitura crítica das notícias que circulam, mas também, e ao mesmo tempo, por meio de uma reinvenção dos modos de fazer do jornalismo, dentro de suas “vísceras”, ou seja, em suas etapas de formulação. Para Paiva, são “expressamente necessárias a pesquisa e a experimentação em direção a um jornalismo relacional, interativo com a realidade atual e em benefício da agregação de valor humano à ordem social” (PAIVA, 2006, p. 63). Essa “experimentação” se consegue por meio do jornalismo comunitário. Nas palavras de Paiva,

o fundamental para um jornalismo inclusivo ou o comunitário, enquanto horizonte político-social do jornalismo, é que não se perca de vista o seu aspecto principal, ou seja, a capacidade de produzir novos e inclusivos olhares sobre as coletividades, sobre o outro (PAIVA, 2006, p.69).

A partir dessa concepção, optou-se por recuperar a caminhada como um procedimento de captação do mundo externo, tão usada pela literatura, pelas artes, pela arquitetura e pelo próprio jornalismo, e testá-la em três momentos da reportagem: a escolha da pauta, o encontro com as fontes e o modo de fazer o texto. Para tanto, os discentes matriculados no Laboratório de Jornalismo Comunitário foram entendidos como repórteres-cidadãos, articuladores da comunicação no sentido da vivência humana. Em linhas gerais, a proposta foi a seguinte: ao caminhar, o sujeito deveria observar as reações de seu próprio corpo, anotar sensações, encontrar pessoas, conversar, buscar pelos modos de ser, de pensar e de viver das ruas, escolher seu tema e, assim, por meio de novas caminhadas, desenvolvê-lo em uma cadência própria. A hipótese trabalhada foi a de que caminhar é um ato de início, meio e fim, marcante em toda a trajetória da narrativa, pois o corpo do repórter está em cena e é sua própria ferramenta. Ou seja, derivar produz, literalmente, derivados: novas ações, falas e situações.

Neste trabalho, a experiência será descrita e discutida, considerando seu processo, seus resultados e as questões suscitadas. Também será feita uma breve explanação do que é a cidade do Rio de Janeiro hoje e dos desafios de tecer narrativas sobre o seu comum. Antes, porém, será apresentada uma breve trajetória da caminhada, também conhecida como *flânerie*, deambulação, deriva e errância.

Delirium Ambulatorium

Quando o corpo humano se movimenta, dando um passo à frente de outro e ao mesmo tempo equilibrando-se, invariavelmente se modifica, pondo-se em contato com outros corpos,

espaços, intervalos, intersecções e uma gama de sensações. Essa ação produz, sem dúvidas, percepções sempre novas que podem ser exploradas, elaboradas e reconstruídas, dada a atividade do mundo exterior. Caminhar é deixar-se afetar, é o que faz o “eu” descobrir o “outro” e as “coisas” que estão em volta. É uma experiência fenomenológica, uma forma de reconhecer o mundo e falar sobre ele. Tanto que, ao longo da trajetória da humanidade, muitas das decisões foram tomadas, muitas das histórias foram contadas e muitos dos lugares foram descobertos graças ao deslocamento físico e psíquico provocado pelo movimento e pelo nomadismo (CARERI, 2013). Na modernidade, essa ação, associada ao sentido de “errância”, tornou-se um modo de ser, ver e dizer, ou seja, uma poética (JACQUES, 2005; CARERI, 2013), adquirindo lugar cativo nas manifestações do pensamento humano: a literatura, a filosofia, a arquitetura, as artes etc.

O artista plástico brasileiro Hélio Oiticica, por exemplo, foi um entusiasta das caminhadas sem rumo. Ele fez uso desse procedimento em diversos dos seus processos criativos. Na década de 1960, andava pela cidade do Rio de Janeiro de ônibus, tomando qualquer linha e indo até o ponto final. Ele errou o caminho várias vezes, até se instalar no Morro da Mangueira e, juntamente com os moradores da localidade, produzir um carnaval ambulante. Em 1978, quando apresentou nas ruas de São Paulo a performance *Delirium Ambulatorium*, fez um convite para lançar o olhar ao inusitado, ao esquecido, ao deformado, ao rotineiro, à cidade morta pela própria vida cotidiana, sem considerar que tudo não passa de efemeridade. O artista deu, assim, sua versão para a caminhada: “O poetizar do urbano – as ruas e as bobagens do nosso *daydreamdiário* se enriquecem à vê-se que elas não são bobagens nem *trouvallies* sem consequência – são o pé calçado pronto para o *delirium ambulatorium* renovado a cada dia” (OITICICA, 1978 IN: JACQUES, 2005).

Oiticica havia lido nos textos do movimento francês da Internacional Situacionista que a deriva poderia ser um modo de redescobrir a cidade e promover a participação das pessoas no espaço público (JACQUES, 2005; 2013). Em busca de confrontar o que foi considerada uma “cidade-espetáculo”, ou seja, uma cidade convertida em imagens, não mais palco da participação ativa dos cidadãos, apenas um lugar a ser visitado conforme os interesses de um mercado do entretenimento (JACQUES, 2003; 2005), os situacionistas caminharam errantemente pela Paris da década de 1960, marcada pelo urbanismo funcionalista e pelos empreendimentos imobiliários das moradias populares. Eles queriam descobrir qual era o lugar possível e ideal das pessoas nas cidades. Para isso, se movimentaram, criaram as próprias regras, teceram seus próprios mapas “psicogeográficos”, inverteram outras tantas cartografias, produziram jogos, ou “situações”, e deixaram como legado para as gerações futuras uma gama

de possibilidades de ação e interpretação (JACQUES, 2003; CARERI, 2013). Escreveu Guy Debord:

Uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar (DEBORD, 1958 In: JACQUES, 2003, p. 87).

A produção situacionista foi herança, em partes⁴, das deambulações surrealistas, que buscavam lidar com as próprias experiências psíquicas, e dos dadaístas, que simplesmente queriam retirar do museu o lugar da exposição. As três experiências tiveram como ponto em comum as sensações produzidas pela caminhada. As três gerações interpretaram e reformularam, ao seu modo, o que já era comentado e praticado no século XIX: *a flânerie*.

Quando os hábitos burgueses e as cidades industriais se consolidaram no mundo ocidental, caminhar sem rumo era uma prática de ociosos e excêntricos encarada com um quê de mistério e admiração. A palavra *flâneurie*, em francês, foi cunhada por Charles Baudelaire, na obra *O Pintor da Vida Moderna* (1863), para descrever uma espécie de sobrevoos do corpo e dos olhos por um mundo exterior repleto de gente. Na ocasião, Baudelaire apresentou o que lhe parecia mais peculiar na obra de um artista que retratava prostitutas, soldados, mendigos e boêmios: a deambulação. Como forma de valorizar o trabalho de Constantine Guys, um homem considerado à frente de seu tempo, o autor apresentou a *flânerie* como um modo de buscar inspiração, um procedimento de captação de modos de vida. A dádiva do artista estava, para Baudelaire, justamente, em “desposar a multidão” sem se envolver, lançando-se pelas ruas sem pressa, averiguando feições, buscando sensações (BAUDELAIRE, 2010, p.29).

Antes de Baudelaire, Edgar Allan-Poe, em Londres, escreveu sobre algo semelhante, dando ênfase, contudo, à perturbação. No conto *O homem da multidão* (1840), o narrador-personagem persegue incrédulo um senhor maltrapilho de cerca de 65 anos que não tem parada. Na ficção, ele caminha atrás do “velho” por uma noite e um amanhecer, percebe suas reações – que ora são de cansaço, ora se reanimam – e não consegue compreender de onde vem e para onde vai aquele homem. Antes de notá-lo, porém, esse narrador observa as pessoas do conforto de um café e parece estar muito seguro de suas análises. Primeiro, se atém a quem está dentro do recinto e, em seguida, pela janela, acompanha quem está no calçamento, a andar. Até se deparar com o “velho”, ele parece não se surpreender com os tipos humanos que descreve: aristocratas, funcionários, jogadores, militares, mulheres sem pares, mendigos etc. Todos

⁴ Porque não se pode esquecer do quão importante para a IS, sobretudo para Guy Debord, o marxismo cotidiano de Henri Lefebvre.

parecem ter uma finalidade naquela cena e naquela sociedade, menos o “velho”. E é justamente essa falta de rumo que surpreende e abala o narrador-personagem.

O lugar do caminhante nessas duas obras, bem como em outras do florescer do século XIX⁵, foi comentado por Walter Benjamin (1995) que, na década de 1930, se propôs a estudar a vida moderna e o seu sujeito. Benjamin elegeu como “alegorias” de suas reflexões vários elementos da cidade de Paris (ORTIZ, 2000)⁶, entre eles o *flâneur*. Personagem das ruas e da literatura, o tipo foi considerado o “botânico do asfalto” (BENJAMIN, 1985, p. 38), alguém que investiga, observa, nota e anota impressões sobre uma nova fauna e flora: a cidade e suas aglomerações⁷.

Debruçado sobre tal “alegoria”, Benjamin viu na deambulação de Baudelaire algo diferente da caminhada sem rumo desvelada por Poe. A primeira foi delimitadora de espaços, pois mostrou a face dos sujeitos anônimos, retirando-os da vida privada e revelando-os a outros anônimos, ao mesmo tempo em que deu ao *flâneur* autonomia para manter-se escondido, à espreita, resguardado em pleno espaço público. A rua e, sobretudo, os bulevares (ou “passagens”), uma vez pavimentados e iluminados pelas lamparinas a gás, deram a devida segurança ao caminhante, que triunfou identificando um novo ambiente interno. “A rua transforma-se na casa do *flâneur*, que se sente em casa entre as fachadas dos prédios, como o burguês entre as suas quatro paredes”, escreveu Benjamin (1995, p. 39).

Já a segunda forma de deambular, a de Poe, correspondeu, para Benjamin, a uma ação incômoda que, na verdade, revelou uma personagem (o “velho”) pouco adaptada ao seu espaço, inquieta com a vida cotidiana, “administrada” e mediada pela produção (BENJAMIN, 1995). Somava-se a isso o fato de que o caminhante de Poe guardava consigo o mistério da vida marginal e dos caminhos desconhecidos na cidade, o que o tornou, além de perturbado, indecifrável. “Poe esbate deliberadamente a diferença entre o marginal e o *flâneur*. Um homem

⁵ A partir da década de 1840, surgiu uma variedade de textos descritivos que falavam sobre pessoas e espaços urbanos, criavam cenas cotidianas e catalogavam os possíveis perfis de habitantes das cidades, demarcados pelo trabalho e pela sua crescente especialização. Essa natureza de literatura, frequente em suplementos literários, foi classificada como “fisiologista” e “panorâmica” (BENJAMIN, 1995, p.p. 37 e 38), estando muitas vezes aproximada da caricatura.

⁶ Ortiz (2000) associa o uso que Benjamin fazia de “alegorias” à prática de investigação e análise social inaugurada por Georg Simmel no início do século XX: “A estratégia benjaminiana privilegia portanto os ‘pequenos’ objetos. O que lhe prende a atenção são o traçado e os nomes das ruas, as catacumbas, as edificações, como as pessoas se vestem, comem e vivem. Há algo de Simmel neste olhar posicionado ao lado dos indivíduos e da paisagem. As relações sociais são captadas no fluir do dia a dia. Pode-se entender o estilo de Benjamin como uma proposta de contraponto a uma forma mais abstrata de trabalhar os laços sociais, ponto de vista que privilegiaria o que muitos historiadores denominam atualmente de ‘vida cotidiana’” (ORTIZ, 2000, p. 14). Essa relação será retomada mais adiante, por intermédio de reflexões de Fortuna (2010) acerca da atitude *blasé*, do *flâneur* e das possibilidades de deambulação nas megacidades do século XXI.

⁷ Tangenciada pela produção de mercadorias e consumidores, por novas formas de vigilância, novos modos de vida e por uma recente delimitação entre espaços públicos e privados, a cidade era, em si mesma, uma novidade.

torna-se tanto mais suspeito quanto mais difícil de encontrar” (BENJAMIN, 1995, p. 50). A caminhada na (e diante da) multidão não foi, então, um andar qualquer, mas sim pista para um arriscado labirinto.

A comparação de Benjamin entre as duas obras trouxe à tona, ainda que esse não fosse o seu objetivo principal, o caráter ambivalente da *flânerie*⁸, uma ação multifacetada que, ao ser retratada pela arte e pela literatura, foi convertida em narrativa e revelou parte da complexa estrutura física e psíquica das grandes cidades. Tão fugidia quanto o *flâneur* era a mentalidade social, ou a “vida do espírito” da metrópole, analisada por Georg Simmel e apresentada em conferência de 1903 (2005). Ao observar as transformações na Berlim do início do século XX, Simmel concluiu que a convivência dos sujeitos nas cidades produziu na alma humana novos estímulos, novos mecanismos de defesa e imagens mentais antes não elaboradas. A vida teria sido organizada de modo a ser mediada pelo dinheiro e pela linguagem dos números, gerando uma acelerada objetividade entre as relações pessoais.

Deste modo, a grande consequência da vida nas urbes foi a formação de indivíduos com uma atitude *blasé*, uma espécie de dispositivo psíquico que, para se proteger, não mais esboça reações diante da imprevisibilidade, não mais se motiva perante as novidades. Na leitura de Simmel, cuja obra tornou-se um “cânone urbano” (FORTUNA, 2011, p. 380 e 381), esse mecanismo de defesa, entretanto, não seria capaz de consumir por completo o ser humano que, por sua vez, na rebordosa da racionalidade técnica, passou a vivenciar um contínuo conflito entre sentimentos, apegos, expectativas e frustrações.

Ainda que nunca tenha mencionado a *flânerie*, Simmel abordou a ambiguidade do comportamento humano perante as novidades da aglomeração urbana. De modo que é possível estabelecer a seguinte associação: o *blasé* evita reagir diante das novidades; o *flâneur* circula sem se envolver; ambos se escondem com a mesma ênfase que buscam os fragmentos de vida. Isso foi o que fez com que o pesquisador português Carlos Fortuna (2011) relacionasse um tipo e outro a partir da postura de Franz Hessel, escritor berlinense da virada do século XIX para o XX. Conforme Fortuna, Hessel conviveu com os dadaístas de Paris, circulou pelas capitais europeias juntamente com Benjamin e praticou a *flânerie* sob o prisma simmeliano, buscando sobreviver às não-reações do comportamento *blasé* e usando as ressalvas de seu conterrâneo para fruir com consciência.

⁸ Ambivalência essa que tanto revelava os rostos como escondia seu perfilador; que sustentava o fascínio pela rua ao mesmo tempo em que alimentava o medo do desconhecido.

A mesma cautela que proclamara Simmel para prevenir os habitantes da metrópole de uma atitude resguardada, capaz de controlar os ímpetos psicossensoriais perante o bombardeamento a que ficam expostos os nossos sentidos, serve agora a Hessel para decifrar com competência emocional e reserva avaliativa os sinais contraditórios da estética urbana. Berlim que, lamenta Hessel, “não tem sido suficientemente amada” (Hessel, 1997, p. 212), está disponível para se deixar conquistar pelos seus residentes, bastando para isso que estes se entreguem à sua devoção plena e dos seus secretos recantos. Tal pode ser tanto mais reconfortante, insiste Hessel, quanto “caminhar devagar pelas ruas cheias de gente proporciona um prazer invulgar”. Por isso declara: “Todos nós, berlinenses, temos que habitar mais a nossa cidade... Concedei à cidade um pouco mais do vosso amor...” (ibid., p. 212). (FORTUNA, 2011, p. 386)

O romantismo da *flânerie* e a gelidez dos que se conservaram na atitude *blasé* podem ter alcançado a temperança com esse convite ao engajamento feito por Hessel. O “amor à cidade” e a descoberta dos signos urbanos por meio da caminhada foram muitas vezes apropriados e reformulados no século XX, sempre considerando a ironia da deambulação e as propostas de transformação do espaço construído, vivido e imaginado. Isso foi o que perdurou no sentido de derivar: produzir, a partir da ação de caminhar, outras paisagens.

Nesse sentido, é interessante questionar se a caminhada sem rumo, nas metrópoles contemporâneas, sobretudo as latino-americanas, possui o mesmo efeito e as mesmas características de outrora. Em razão de uma reorganização dos territórios por meio de redes, fluxos de informação, representações do cotidiano e uma sobreposição de imagens, o que se nota no século XXI é uma nova ordem sociotécnica, midiaticizada, que engendrou a vida como um todo, formando opiniões, produzindo sensações, capturando experiências e, em suma, gerando uma nova forma de ser: o *bios* virtual, indicador de uma vida em comum organizada pela comunicação e reordenada geograficamente pela velocidade (SODRÉ, 2006; 2014).

Isso quer dizer que, na atualidade, a cidade-espetáculo alcançou seu ápice, ocupando usos anteriores dados às urbes. De acordo com Sodré (2006), uma das características da sociedade espetacularizada é a produção e a valorização das imagens, em substituição a outras formas. O sentido da visão, assim, se sobrepõe a outros sentidos e o espetáculo se torna em si mesmo uma relação social, reorientando hábitos. “O imaginário realiza-se tecnologicamente, confundindo-se com as representações humanas da vida real” (SODRÉ, 2006, p. 120).

Deste modo, o *flâneur* de hoje não lida apenas com a multidão, a racionalidade técnica, o fetiche da mercadoria e mediação por dinheiro. Lida também com um simulacro da vida, com a financeirização dos mercados, a virtualidade até mesmo da moeda, a fragmentação do mundo. Há uma exacerbação das consequências do passado, somadas aos desafios do presente, que podem interferir nessa relação entre o corpo humano, seu movimento e o espaço. O *flâneur* de hoje lida com a falta ou a precariedade das moradias, a restrita mobilidade, a informalidade no mundo do trabalho, a migração em alta rotatividade, pouco ou nenhum acesso a serviços,

violência generalizada, narcotráfico, poluição, escassez de recursos naturais, alta produção de lixo, sistemas alimentares precários, entre outros problemas sociais, somados à reprodução incessante de imagens que não necessariamente exibem e confrontam essa realidade, mas as reforçam como naturais.

O universo urbano não marca mais a pujança da diversidade, como outrora foi observado, mas sim suas consequências, revelando um cenário opaco e rompido pela produção de marginalidades (MARTIN-BARBERO, 2004). Por outro lado, é nesse contexto de fragmentos, imaginários e fissuras que se pode observar as ambiguidades e as contradições, bem como aquele mesmo modo de resistir à atitude *blasé* de outrora. Em cada nova situação de estranhamento, há também “novos modos de estar juntos” que dizem respeito a uma “enorme diversidade de estilos de viver, de modos de habitar, de estruturas de sentir e de narrar” (MARTIN-BARBERO, 2004, p. 74). Sendo assim, vale perguntar: como é caminhar por uma cidade, por exemplo, como o Rio de Janeiro? Que tipo de experiência pode surgir? E que natureza de vivência em comum pode existir?

Narrar a cidade para reconhecer o comum

Um turista que desembarca no Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim (Galeão), na cidade do Rio de Janeiro, recebe como cartão de visitas um mapa fornecido pelo Centro de Informações Turísticas da Prefeitura Municipal. Nessa cartilha, há informações sobre pontos a serem visitados, alternativas de transporte e a indicação de 30 dos 159 bairros existentes na cidade. Ao sair do Galeão, localizado na Ilha do Governador, o turista passa necessariamente pela Avenida Brasil, a única que dá acesso ao centro cidade, e logo se depara com o Complexo da Maré, bairro que reúne 40 mil domicílios, cerca de 140 mil habitantes e que é considerado o maior aglomerado de moradias populares do Rio de Janeiro⁹. Porém, há uma grande chance de o visitante não avistar esse mar de vidas construído à esquerda da via expressa: primeiro, porque há tapumes permanentes erguidos no limite entre as casas e a avenida; segundo, porque a Maré, assim como os outros 123 bairros da cidade, não é exibida no mapa turístico.

O Rio de Janeiro é uma cidade que se apresenta e é representada de formas determinadas. Formas estas que estão na arquitetura, nos modos de vida, nas decisões administrativas e, claro, nas produções midiáticas que, por sua vez, retroalimentam as produções simbólicas da/sobre a cidade. A marca #rio450, por exemplo, que organiza e

⁹ Informações obtidas em REDES DA MARÉ (Org.). **Censo de Empreendimentos da Maré**. Rio de Janeiro: Observatório das Favelas, 2014.

dissemina na internet fotografias do cotidiano da “cidade maravilhosa”, reúne na rede social Instagram mais de 130 mil publicações que invariavelmente são compostas por praia, sol, corpos bonitos, áreas verdes exuberantes, sorrisos fartos, festas, aventuras ao ar livre etc. Feitas por fotógrafos amadores e também por profissionais, essas imagens relembram a todo o momento o potencial turístico do Rio de Janeiro. Ou, melhor dizendo, dificilmente elas deixam de agregar algum valor sobre a cidade, pois fazem parte de imaginários outrora organizados e continuamente divulgados e comercializados. Conforme Beatriz Jaguaribe, “é inegável que, no Rio de Janeiro, o turismo se alimenta dos cartões postais da cidade e também dos imaginários midiáticos que geram um *branding*, uma imagem da cidade” (JAGUARIBE, 2014, p.9).

Localizado a sudeste do território brasileiro e às margens do oceano atlântico, o Rio de Janeiro é muito mais do que mostra o mapa turístico ou as imagens que convidam para o turismo. Onde há morros, por exemplo, não há somente áreas naturais, como quer o mapa, mas sim (e também) favelas, histórias de luta por sobrevivência, dignidade e moradia. Onde está a indicação da linha de trem, outro exemplo, há não somente um meio de transporte, mas toda uma trajetória que dividiu a cidade em “zonas”. Com área total de quase dois milhões de km², a cidade possui uma população estimada em 6.453.682 pessoas (IBGE, 2010) que residem em 2.408.019 domicílios¹⁰ e contribuem para a movimentação de um Produto Interno Bruto (PIB) anual de mais de R\$ 220 milhões. Trata-se de gente que trabalha, estuda, diverte-se, inventa sua própria sobrevivência, questiona, disputa espaços, improvisa moradias e serviços não oferecidos pelo Estado, reivindica direitos e tece suas vidas em um cotidiano que mescla as paisagens deslumbrantes com a insegurança produzida por desigualdades sociais.

É na cidade que o turista não necessariamente vê, é nesse turbilhão de relações que as imagens nem sempre reproduzem, que se espraia o comum. Algo que, tal qual definiram Hardt e Negri (2009), compreende os recursos naturais e os bens produzidos socialmente, mas também algo que, conforme explica Sodré (2014), não necessariamente está visível e permeia a todas as relações, sendo uma “disposição ontológica originária” do ser humano que, em comunicação, partilha afinidades, diferenças e divergências, o que lhe é próprio e também impróprio e, assim, produz a comunidade, por sua vez, uma condição de existência cotidiana (SODRÉ, 2014, p.p. 198 a 209).

¹⁰ O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio de seu último recenseamento, constatou a existência de mais de um milhão de pessoas vivendo em 426.965 residências localizadas em “aglomerados subnormais”, ou seja, “favelas”. Tal denominação é usada pelo Estado para se referir locais construídos de forma irregular e/ou improvisada, cujas condições de moradia são precárias: sem pavimentação adequada, sem iluminação pública suficiente, de difícil acesso, sem encanamento regular de esgoto etc. (IBGE, 2010). Há inúmeros debates e controvérsias a respeito desse tratamento que é dado às favelas no Rio de Janeiro. Porém, para não fugir do tema proposto neste trabalho, não adentraremos nessas questões.

Deste modo, compreende-se que buscar o comum por meio da narrativa é apreender o modo como as pessoas se relacionam, se perturbam e se vinculam, reportar o cotidiano, articular impressões e sensibilidades. Diz Paiva (2014) que, talvez, seja possível observar o comum da cidade indo às ruas, percebendo a circulação que dela faz parte. Assim, “Derivar e Narrar” se justificou no escopo do Jornalismo Comunitário. A seguir, será descrito e comentado o experimento.

Descrição do experimento

O objetivo geral de “Derivar e Narrar” foi testar o sentido da deambulação na cidade do Rio de Janeiro e, assim, perceber a vida em comum. Mais especificamente, a proposta consistiu em: a) discutir conceitos básicos tais como jornalismo comunitário, cidade e deriva; b) fazer com que os alunos tivessem suas percepções aguçadas; c) integrar a turma em uma proposta de investigação criativa; d) iniciar a produção de reportagens pelo procedimento da caminhada, ou seja, buscar a pauta jornalística nas ruas; e) estimular os repórteres-cidadãos na construção de seu próprio modo de fazer reportagens, para além dos manuais de redação.

As atividades foram desenvolvidas em quatro momentos: leitura e roda de conversa; preparação para as derivas; caminhada individual por algum bairro do Rio de Janeiro; debate sobre a pauta a ser escolhida; retomada das ruas e elaboração das narrativas. Em todas as fases foi usada a técnica da escrita livre de André Breton, proposta no *Manifesto do Surrealismo* (2001). Assim sendo, tanto para discutir a teoria como para pensar suas práticas, os estudantes eram sempre conduzidos a escreverem de improviso, sem ordenar os pensamentos, apreendendo muito mais as sensações do que as palavras.

Nas primeiras caminhadas, feitas nos arredores da Escola de Comunicação, foi sugerido ao grupo que observasse seu corpo e também os corpos externos, buscando em detalhes descrever os cenários, as composições, o clima, as pessoas, os cheiros e as conversas. Foi notório como descrever é uma ação melindrosa, pois reparar no mundo externo nem sempre é uma ação costumeira. Uma das estudantes reforçou: “Ando olhando para baixo, não tenho o costume de observar a rua”. Nessa etapa, os estudantes falaram muito sobre si mesmos, seus sentimentos diante da vida e do mundo. O assunto em comum em todos os relatos foi o uso do celular. Talvez, o que lhes fosse identificável em si mesmos.

Em uma segunda rodada de derivas, foram apresentados à turma dois mapas diferentes sobre a cidade. O primeiro, turístico, com 20 dos 159 bairros existentes na capital fluminense. O segundo, completo. Os repórteres foram levados a observar ambos os documentos e, assim, escolher no mapa completo um bairro para caminhar. A única regra era que o bairro escolhido

não deveria ser visível no mapa turístico. Essa escolha, porém, não seria completamente aleatória. Foi feito um trabalho de imaginação e assim, em texto livre, os alunos escreveram sobre o que imaginavam dessas localidades. Alguns falaram de suas próprias vivências e memórias, outros recorreram ao que viram nos noticiários, nas telenovelas, nas músicas e na internet. Assim, buscando pelo imaginário, os bairros elegidos foram: a) Madureira, b) Irajá, c) Campo Grande, d) Jacaré, e) Pavuna e f) Borel. Desses, todos estão localizados nas zonas norte e oeste, nenhum na orla da praia.

As primeiras avaliações das caminhadas ocorreram com base em estranhamento. Todos questionaram a validade de suas ações, disseram sentir-se acanhados de seguir e observar as pessoas nas ruas, alegaram não ter muita novidade para descrever (no caso das pessoas que já conheciam o bairro escolhido) e, o que mais chamou atenção, demonstraram temer a situação de estar sozinho caminhando em um bairro desconhecido. Ainda assim, foi feito um esforço coletivo para que todos definissem um tema a ser trabalhado a partir da observação feita nos territórios. E assim ficaram estabelecidas as pautas: a) festas populares de Madureira; b) o mosaico de azulejos instalado na plataforma do metrô de Irajá; c) a rotina e a vida própria dos cidadãos de Campo Grande, um bairro de mais de um milhão de habitantes; d) A extinção da linha de ônibus que liga Jacaré à “zona sul”; e) A feira livre realizada entre o bairro da Pavuna e o município limítrofe de São João do Meriti; f) Visita guiada por um morador local à favela do Borel, localizada na região demarcada pelo setor imobiliário como Grande Tijuca.

Após a definição das pautas, os estudantes tiveram mais um prazo para caminhar e receberam como desafio conversar com as pessoas que encontrassem pelo caminho. Alguns se adiantaram e buscaram informações sobre o assunto escolhido na internet. Outros, simplesmente não cumpriram a pauta. Outros, ainda, entregaram seus textos incompletos, ou seja, sem descrição de ambiências ou sem a apresentação de personagens. A essa altura, ficou notório que a caminhada era, de fato, um bom dispositivo para aguçar a percepção dos repórteres e contribuir para a formulação das pautas, mas não para a coleta de dados e a escrita dos textos. Essas duas etapas da reportagem deveriam ser guiadas por regras mais específicas.

Foi, então, que houve mudança na dinâmica dos trabalhos e os estudantes escolheram outros bairros para caminhar. Saíram para as ruas, dessa vez, em grupo e munidos de uma cartilha formulada com base na experiência anterior. Esse manual continha orientações específicas, divididas em quatro passos: preparação para a deriva; deriva; coleta de dados e escrita do texto. Esse novo texto deveria ser feito individualmente, em primeira pessoa, e coletivamente, em terceira pessoa. Na ocasião, estava prevista a visita ao Rio de Janeiro de

outros estudantes de Jornalismo, oriundos da Universidade Federal de Goiás (UFG). Esse novo grupo somou-se aos repórteres da UFRJ e seguiu em caminhada.

Entre outros tantos tópicos, foi ressaltado diante desse novo híbrido o seguinte: quando uma regra fosse quebrada, deveria ser percebida e anotada, deveria haver uma justificativa para esse “desvio”. Os bairros que receberiam as derivas dos estudantes foram: Madureira, Campo Grande, Méier, Vila Autódromo, Ilha do Governador e São Cristóvão. Ao final de uma semana de caminhadas e rodas de conversa sobre a cidade do Rio de Janeiro, os grupos se reuniram para falar sobre a experiência, o procedimento adotado nas observações e também sobre o que não cumpriram da cartilha.

Os resultados foram dos mais curiosos: o grupo de Madureira se enveredou pela mercado público do bairro e relatou uma diversidade de cores, formas, cheiros e personagens; os estudantes que caminharam por Campo Grande receberam o auxílio da mãe de uma estudante e fizeram boa parte de sua “deriva” de carro, passando por pontos centrais do bairro; quem foi ao Méier se encantou com a vida cultural do lugar decidiu fazer um perfil de um centro cultural que já foi cinema, casa de shows e igreja; a turma da Vila Autódromo, debaixo de chuva e de muita comoção, conheceu um dos dramas atuais da cidade do Rio de Janeiro: a inevitável remoção de famílias de um bairro em ruínas, pessoas que resistem ao despejo; as estudantes que foram até a Ilha do Governador se depararam com uma das vistas mais bonitas e famosas da cidade, bem como com uma diversidade de lixo acumulada na Bahia de Guanabara; já quem foi a São Cristóvão, perdeu-se ainda na saída do Metrô e acabou derivando pelo bairro da Tijuca, um dos mais antigos do Rio de Janeiro. Os textos dos estudantes, na íntegra, estão em fase de edição e serão apresentados na revista eletrônica *Becos Comunicantes*¹¹, produzida no laboratório da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC/UFG), instituição parceira do experimento nessa reta final.

Considerações finais

À guisa de conclusão, é possível considerar que a caminhada como procedimento para a reportagem se mostrou rica, surpreendente, porém, com alguns limites. Um deles foi a dificuldade de o repórter se aprofundar nas relações. Muitas vezes os próprios estudantes sugeriram que seria interessante se fossem juntos para o mesmo lugar e que as caminhadas tivessem, para todos, um universo mais restrito do que a cidade: talvez uma única rua, um único bairro, uma única favela. Usando um termo de Benjamin, a narrativa produzida pela caminhada

¹¹ Disponível em: <<http://issuu.com/magnificamundi/docs>>

é “panorâmica” e, por isso, precisa se demorar mais: essa foi a primeira conclusão a que se chegou.

A pauta, que normalmente é formulada entre quatro paredes, com a deriva pôde ser formulada em movimento. Porém, nem sempre essa pauta foi até o fim. Descobriu-se, nesta limitação, que há outros aspectos envolvidos na vida em comum sendo refletidos nas percepções do repórter iniciante. O medo, por exemplo. Uma aluna voltou do bairro de Jacaré temerosa de voltar. Não foi ameaçada em nada, contudo, tampouco soube descrever em detalhes o que viu. Seu medo foi discutido coletivamente e notado nos comentários dos demais estudantes. “Sair às ruas é perigoso”, diziam eles, nas entrelinhas, em momentos distintos. Perigoso não pelo desconhecido de outrora, mas sim pelo precário, pobre e destruído. Esse tipo de pré-julgamento muda uma pauta? Interfere na *flânerie* contemporânea? Esse é um elemento de nosso comum?

Em um próximo experimento, a ideia é trabalhar a caminhada juntamente com elementos da etnografia. Assim, o repórter irá em busca de outra experiência, para além da caminhada: a de conviver. É possível caminhar e conviver. De todo modo, é válida a assertiva de que a palavra deriva produz derivados e, por isso, é tornada verbo. Derivados de caminhar sem rumo, ou seja, de estar à deriva, são situações captadas na medida em que algo se movimenta e se realiza. Em tempos de realidade programada, faz-se a aposta de novamente soltar o “botânico” na cidade em busca do acaso, dos sentidos, do uso do próprio corpo do repórter para a percepção da realidade. A caminhada ainda pode ser usada para reviver e redescobrir o território. Nisso, não há novidades.

Referências

- ALLAN-POE, Edgar. **O Homem da Multidão**. 1840. Disponível em: <www.ufrgs.br/proin/versao_2/textos/homem.rtf> Acesso em 19 abr. 2015
- BAUDELAIRE, Charles. **O Pintor da Vida Moderna**. São Paulo: Bira Câmara Editor, 2010 [1863].
- BENJAMIN, Walter. O flâneur. IN: BENJAMIN, W. Obras Escolhidas III – **Charles Baudelaire** – Um lírico no auge do Capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.p. 37 – 67.
- BRETTON, André. **Manifestos do Surrealismo**. Rio de Janeiro: Ed. Nau, 2001. Trad. Sérgio Pachá.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: GG Editora, 2013.
- DEBORD, Guy-Ernest. Teoria da Deriva. IN: JACQUES, Paola Berenstein (org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. Trad. Estela dos Santos Abreu.

FORTUNA, Carlos. Narrativas sobre a metrópole centenária: Simmel, Hessel e Seabrook. In: **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 379-393, jul/dez 2011.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. **Commonwealth**. Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press Cambridge, 2009. Trad. Esp.: Daniel Clavero.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2010. **CENSO Demográfico**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>> Acesso em: 07 dez. 2013. Atualizado em 14 mai. 2015.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. Contribuição para uma definição situacionista de jogo. IN: JACQUES, Paola Berenstein (org.). **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. Trad. Estela dos Santos Abreu.

JACQUES, Paola Berenstein. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. **ArqTexto**. Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPAR/UFRGS), n° 7. 2005/1. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf>

_____. (org.). **Apologia da deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. Trad. Estela dos Santos Abreu.

_____. 2013. O grande jogo do caminhar. In: CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: GG Editora, 2013.

JAGUARIBE, Beatriz. Realismo melodramático: o Rio de Janeiro nas telenovelas. **Anais...** Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho, Imagens e Imaginários Midiáticos, do XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014. Disponível em: <compos.org.br/encontro2014/.../beatrizjaguaribecompos2014_2251.pdf> Acesso em: 21 jun. 2015.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Mediaciones urbanas y nuevos escenarios de comunicación. IN: NAVIA, Patricio; ZIMMERMAN, Marc (coord.). **Las ciudades latinoamericanas em el nuevo (des)orden mundial**. México: Siglo XXI, 2004.

ORTIZ, Renato. Walter Benjamin e Paris: individualidade e trabalho intelectual. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 12(1): 11-28, maio de 2000.

PAIVA, Raquel. Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n° 30, ago.2006.

_____. 2014. Expressões do comum na cidade: a ocupação pela mobilidade. IN: PAIVA, Raquel & TUZZO, Simone Antoniaci (org.). – **Comunidade, mídia e cidade**: possibilidades comunitárias na cidade hoje. Goiânia: FIC/UFG, 2014.

REDES DA MARÉ (Org.). **Censo de Empreendimentos da Maré**. Rio de Janeiro: Observatório das Favelas, 2014.

SIMMEL, Georg (1903). As grandes cidades e a vida do espírito. **MANA**, PPGAS/Museu Nacional, Rio de Janeiro, n°11, vol. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132005000200010&script=sci_arttext> Acesso em: 17 dez. 2014.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

_____. **A ciência do comum:** notas para o método comunicacional. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.